



# EDUCAÇÃO 4.0

Por **Daniela Campos**

Durante a pandemia, vimos o crescimento vertiginoso do e-learning ou EaD (ensino a distância) na educação corporativa. Antes uma alternativa, por motivos óbvios da necessidade de distanciamento, passou a ser adotado como solução protagonista. É certo que no pós-pandemia voltaremos aos sistemas híbridos de desenvolvimento, mas o virtual não será mais coadjuvante.

É hora de aprofundarmos nossa reflexão sobre seu papel, eficiência e evolução de forma ampliada: não do EaD apenas, mas do ecossistema de possibilidades que a tecnologia traz e em perspectiva futura – olhando não para o que ela é hoje, mas para o que poderá vir a ser.

Economia e educação têm alto grau de correlação. As indústrias 1.0 (mecanização e vapor), 2.0 (eletricidade e produção em massa), 3.0 (computação e automação) e 4.0 (ciberpaço e inteligência artificial) tiveram correspondentes sistemas educacionais denominados Educação 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0, que se adaptaram para acompanhar as tendências e as demandas de cada revolução, espelhando seus modelos.

Na 2ª Revolução Industrial, por exemplo, onde o trabalho nas fábricas era mecânico, repetitivo e segmentado por tarefas, seguindo uma esteira de produção linear, o ensino nas escolas era massificado, repetitivo e segmentado por disciplinas, em sé-

ries consecutivas. Também os treinamentos eram elaborados por funções, delimitados por áreas, em turmas restritas e ministrados em salas de aula.

Já a Indústria 3.0, com a internet e a revolução informacional, trouxe novos desafios e a necessidade de ruptura com padrões antigos. Menos memorização, mais pensamento analítico; menos respostas prontas, mais soluções criativas; modelos de treinamento híbridos e participativos, metodologias ágeis, comunicação em rede e interdisciplinaridade, foco em times e colaboração, entre outros.

Rapidamente adaptamos nossos planos de desenvolvimento para essas habilidades e a formação do mindset digital, mas a pergunta é: ok,

mudamos os temas dos cursos e os transportamos para o ambiente virtual, mas criamos de fato novos processos de formação sob a lógica digital? Ou os treinamentos continuam sendo lineares, segmentados, com o conhecimento centralizado em quem o aplica?

Na minha opinião, vivemos um período de transição da Educação 3.0 para a 4.0. Avançamos na adoção das tecnologias e metodologias, mas a forma com que faremos uso delas é que impulsionará o maior salto nas questões de ensino e aprendizagem.

A revolução da educação na era digital e pós-digital será mediada pelas TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação), mas só resultará em mais conhecimento se as usarmos para criar interatividade, diálogo, conexão e autonomia.

A relevância do papel de quem ensina não está mais na autoridade de detentor exclusivo do conhecimento, mas na habilidade de mediação e orientação e na capacidade de criar um ambiente que combine as ferramentas a favor do sujeito que aprende.

O papel de quem aprende também mudou: mais ativo, colaborativo e protagonista, porque a revolução informacional trouxe a informação, mas a construção do conhecimento requer capacidade reflexiva, analítica, crítica, de contextualização e síntese de quem a recebe.

Sempre educamos para as respostas; precisamos educar para as perguntas. Com as transformações aceleradas, as respostas vão mudando e quem sabe o caminho para encontrá-las, caminhará; já quem ficar alheado ao conhecimento adquirido, estará sempre correndo atrás.

Neste ano em que o antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin completa seu centenário, uma das ideias de seu livro *Cabeça Bem-feita* é para mim um ponto de encontro entre o passado, o presente e o futuro da educação: “A aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada”.

Daniela Campos  
é publicitária,  
especializada  
em Estratégia de  
Comunicação,  
Conhecimento e  
Pessoas ([linkedin.com/  
in/dani-campos](https://www.linkedin.com/in/dani-campos))



REYNATO GOES

O ensino deve promover uma cabeça “bem-feita”, em lugar de “bem cheia”.

E a Educação 4.0? Onde podemos avançar? Resumi alguns pontos com foco em “como” podemos ensinar (e não “no que” ensinar), que podem ajudar a nortear nossa forma de pensar a educação corporativa nesses novos tempos:

- Abordagem por meio de problemas ou projetos, que proporcionam processos mais dialógicos, criativos, colaborativos e críticos.
- Formatos que promovam acessibilidade e mobilidade, enfatizando a igualdade como princípio e a emancipação como método.
- Percursos que estimulem o compartilhamento de conhecimento, explorando a riqueza das conexões em rede e de times multidis-

ciplinares.

- Valorização da aprendizagem expedicionária com a criação de campos de experiência, para que cada um possa vivenciar, formular suas hipóteses e encontrar sentido e soluções.
- Abordagem prática em ciclos curtos e completos, indo do aprendizado à aplicação, ao resultado, feedback e ajuste. A prática (incluindo os erros) fornece a base para aprender mais.
- Uso de recursos multimodais (diferentes linguagens) e multimidiáticos (diferentes mídias), que engajem e entrettenham.
- E, principalmente, valorização do sujeito com um ensino mais personalizado, flexível, inclusivo e interativo. Afinal, a razão não é a tecnologia e sim as pessoas. 🧠